



ROSA DOS VENTOS

■ Tarcísio Meira César

31 AGO 1953
Cidade finita

Estão ai os resultados que deu a cidade platônica projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa: idealizada sem consonância com o sentido natural, quebrou o cristal do sonho ao pular da maquete para o cimento e a cal. Na época de sua concepção, muita da melhor gente brasileira, entre os mais Gilberto Freyre, advertira sobre a necessidade de se submeter o plano geral de criação da cidade a sociólogos, antropólogos e ecólogos que, entre suas especialidades, cada um com a sua colaboração haurida nos respectivos instrumentais de análises de suas ciências, poderiam ter se antecipado à insuficiente humanização da cidade que, de adolescentemente bela que poderia ter sido, distorceu-se de Cinderela em Gata Borracheira. Experimentados pensadores sociais não faltavam, mas o mundo das idéias platônicas prevaleceu sobre a urbe concreta que, hoje, só tem a sustentá-la as malhas do poder. Do contrário, seria a mais curiosa cidade fantasma abandonada até pelos seus próprios duendes lutulentos.

Mas enquanto estiver o poder por aqui refugiado, a solução é aproveitar a sua influência e tentar recompô-la, com olhos mais terrestre, sensatos e humanos. E isto terá de ser já, antes que o próprio povo teça, no futuro, com os fios de suas intuições urbanas e existenciais, as coordenadas de uma cidade, cuja solidão arquitetônica e reduzida sensibilidade humanística é a negação da cidade.

O plano começa com uma infeliz porposta de cidade finita. Estranha idéia. Estranho planejamento. Nada se parece mais com a idéia de uma cidade finita do que a idéia de uma prisão. E é assim que nos sentimos, às vezes, prisioneiros condicionais. E mal condicionados, de vez que na Grécia antiga a **polis** não compreendia somente o perímetro urbano, mas uma zona limítrofe, um território agrícola, os quais,

juntamente com o porto, o Pireu, formavam a cidade-Estado grega. Não há dúvida que pretendem fazer de Brasília uma cidade helênica, só que seus arquitetos e urbanistas não levavam em alta conta Euclides e Pitágoras.

Quem quiser se dar ao trabalho de percorrer a monotonia de linhas da Asa Sul, ficará mais depressivo ao contemplar o primarismo das concepções da Asa Norte, em que não se sabe qual é o pior e mais grosseiro, se a arquitetura ou o arquiteto. Nas cidadezinhas antigas, que creciam sem planejamento e com muito sentido natural, evidenciava-se, à primeira vista, a sensação de sensibilidade barroca e originalidade da construção, sem que ambas destoassem da origem comum da tradição ibérica e, ao mesmo tempo, brasileira e tropical.

O humanismo socialista de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa não fizeram mais que engendrar, no Planalto Central, uma bela moça coxa. Para isto, basta contemplar a perna sã da **cidade-menina** na Asa Sul, e a outra, capenga e retorcida, que a Asa Norte teima em arrastar, mas sem poder esconder as suas recentes e repulsivas distorções ortopédicas, salvo raras exceções. Não se pode chamar Brasília uma cidade, e sim uma imensa fazenda urbanizada por mãos rústicas, grosseiras e inexperientes. Como fazer a corte a Brasília, eis um grande desafio. Brasília é de uma vaidade rija, pétreia, difícil de ser dobrada, por excesso de mimos sem cuidados.

Não pense o leitor, sobretudo o **candango**, que não goste de Brasília. Mas é que a seviciaram e violaram deixando-a exposta às cicrátizes abertas pelos arrisvistas. Como será quando estiver com seu corpo de moça formado, livre de uma formação de contrabando, permeada com valores autônomos até agora pouco independentes? O futuro o dirá, embora os fados o tenham planejado para nossos filhos e netos.